

O OLHAR DO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM SOBRE A INSERÇÃO DA LUDOTERAPIA NO AMBIENTE AMBULATORIAL

**DARTORA, Denise Dalmora¹ ; BRACHER, Paula Schlittler²; DOMINGUES, Bianca Santos³; WEISER, Aline⁴
GABATZ, Ruth Irmgard Bärtschi⁵**

^{1,2,3 e 4} Acadêmicos do 7º semestre de Enfermagem UFPel; ⁵ Universidade Federal de Pelotas, Departamento de enfermagem, r.gabatz@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO:

Existe uma terapia destinada a crianças que usa o “brincar” como forma de ajudá-los a resolver situações ou dificuldades: A LUDOTERAPIA. O trabalho do Grupo Vira Cambota em ambiente ambulatorial além de brincar, interagir e realizar atividades de educação em saúde com a criança e, quando possível, com seus pais, vem com o propósito de trabalhar com a criança de forma integrada, possibilitando que a mesma se expresse e entenda o que lhe está ocorrendo. Sendo o brinquedo seu meio natural de auto expressão lhe é dada a oportunidade de, brincando, libertar seus sentimentos acumulados de tensão, frustração, insegurança, confusão, medo (FIGUEIREDO, 2009).

Pode-se definir a ludoterapia como: uma relação interpessoal dinâmica entre a criança e, nesta experiência, um acadêmico de enfermagem, que providencia a ela um conjunto variado de brinquedos e uma relação terapêutica segura de forma que possa expressar e explorar plenamente seu *SELF* (sentimentos, pensamentos, experiências, comportamentos) através do meio natural de comunicação o “brincar”.

A ideia de que a criança que frequenta o ambulatório tem menos anseios que a criança hospitalizada é, por vezes, errônea. Todo desconhecido causa medo e ao sair da rotina, seja da escola, ou qualquer outra atividade extra que costuma realizar diariamente, para passar todo um período de sala em sala, cada uma com um profissional diferente (enfermeiros, médicos, nutricionistas, assistentes sociais...) onde muitas dessas consultas são embasadas em termos técnicos que, muitas vezes, são desconhecidos para as crianças, o que resulta em ansiedade e desconforto aos pequenos. Apesar de a legislação atestar que as crianças devem ser adequadamente informadas, é comum que as informações sejam direcionadas principalmente aos pais (DULMEN, 2008).

Segundo Chiattonne (2003), os profissionais que lidam com as crianças, sem perceber, compartilham de uma “lei do silêncio”, em que a criança fica na expectativa do inesperado já que nada ou muito pouco lhe é esclarecido. Esta espera gera nas crianças fantasias mirabolantes causadoras de inúmeros temores. E são esses temores que, como acadêmicos de enfermagem com a arte do cuidar intrínsecas a profissão, juntamente com a ludoterapia e um trabalho em conjunto com pais, busca-se minimizar e proporcionar mais leveza e tranquilidade à criança durante o processo, seja ele de tratamento ou acompanhamento.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato analítico e reflexivo sobre a experiência de dois grupos de acadêmicos de enfermagem que participam voluntariamente do projeto de extensão “Brincando para cuidar: inserção da ludicoterapia às crianças hospitalizadas”, cujo objetivo e atividades estão em processo de adequação, visto que houve a inserção do campo ambulatorial e, primeiramente, o projeto previa apenas atividades em ambiente hospitalar.

Os grupos frequentam o ambulatório da Faculdade de Medicina (FAMED) desde o primeiro semestre letivo de 2011, cada qual com uma visita semanal. Considerando que o público alvo são crianças em processo de crescimento e desenvolvimento que realizam acompanhamento e/ou fazem tratamento contínuo no ambulatório, trabalha-se com temas pré-estabelecidos de educação em saúde, em que se busca, sempre que possível inserir os pais na proposta, para propiciar uma maior adesão das crianças.

A liberdade proporcionada pelo brincar, cantar, dançar, desenhar possibilita a aproximação das crianças de forma leve e verdadeira, pois, diferente dos adultos que se expressam, na maioria dos casos, verbalmente, a criança tem maior facilidade de expor seus sentimentos, dúvidas, medos, alegrias.

Através da brincadeira, a criança se desenvolve e proporcionando o envolvimento em seu mundo de fantasias que nada mais é do que a própria realidade vista aos olhos inocentes de um pequeno ser, que vê na ludoterapia um momento de poder se expressar sem qualquer tipo de repressão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O lúdico proporciona a expressão genuína da criança, possibilitando que ela se torne cada vez mais ativa no processo, o que a afasta, mesmo que momentaneamente, da posição de paciente. Assim, por meio dessa terapia diferenciada, consegue-se auxiliar a criança a enfrentar suas angústias.

É preciso ter consciência de que as crianças não são adultos em miniatura, por isso, a linguagem usada deve ser diferenciada, assim como a maneira de abordá-las. Na condição de paciente, inegavelmente tudo é imposto à criança, visto que é fundamental para a cura ou melhoria da doença, com isso o brincar torna-se um dos poucos aspectos em que a mesma tem livre escolha. Ela pode aceitar ou negar-se a brincar, pode escolher qual brinquedo deseja e até mesmo dizer não aos procedimentos brincando, é o seu momento de exercer a autonomia (FIGUEIREDO, 2009).

Os temas pré-estabelecidos em reuniões nem sempre conseguem ser empregados de maneira homogênea, cada criança é ímpar e para cada uma delas a abordagem é específica e por isso muitas estratégias diferentes são utilizadas para dialogar abertamente e demonstrar que elas estão seguras com o grupo de acadêmicos que desenvolvem o trabalho da ludoterapia.

A cada encontro a participação dos pais vem mostrando mais a sua importância, não apenas pelo intercâmbio entre os acadêmicos e a criança, mas facilitar a confiança, bem como para tornar válido o que é passado a elas nas atividades de educação em saúde desenvolvidas, em que se aborda os mais

diversos temas, como: alimentação saudável, higiene pessoal, desmistificação do profissional da saúde, entre outros.

Contudo, o brincar não ocorre ao acaso, mas com a finalidade proporcionar maior vínculo com os profissionais da saúde e o serviço, bem como maior adesão ao tratamento recebido. Pois tanto brincar, quanto jogar, contar histórias, fazer teatro, auxiliam na promoção do bem estar, sendo indispensável à saúde física, intelectual e emocional do ser humano. Desse modo, a aproximação com as crianças não se torna um obstáculo, pois se adentra no universo delas de forma lúdica e com isso não se é mais estranho, e sim, um personagem real em seu mundo de fantasia.

4 CONCLUSÃO

Sendo o “brincar” um fator essencial para o desenvolvimento de toda a criança, quando o lúdico está interligado ao terapêutico, só tem a agregar àquelas que das atividades. Assim, através das atividades desenvolvidas junto às crianças pode-se perceber que a angústia da espera pelo atendimento foi minimizada, observou-se isso no rosto de cada criança que se nega a ir embora ou a ir para outra consulta após iniciar a brincadeira e ficar à vontade com o grupo. É gratificante e recompensador perceber que o trabalho realizado esta sendo positivo e produtivo para as crianças.

A análise preliminar indica que a ludoterapia é vista como uma forma de intervenção que contribui para preservar a saúde emocional da criança, proporcionando alegria e distração por meio de oportunidades para brincar, jogar e encontrar parceiros, bem como ajuda a preparar a criança para as situações novas do próprio tratamento (BALDINI, 1999).

Ressalta-se ainda a importância que a ludoterapia representa para criar e fortalecer o vínculo com as crianças e também com seus pais. Dessa forma, considera-se imprescindível que, os profissionais de enfermagem que atuam junto na pediatria, estejam instrumentalizados para utilizar essa ferramenta na assistência que prestam diariamente, bem como saibam da importância do brinquedo para a integralidade do cuidado dessa população.

5 REFERÊNCIAS

BALDINI; Sonia Maria, et.al. The hospitalized child. **Revista USP**; São Paulo; p.49-63, 1999. Disponível em: <<http://www.pediatrinsaopaulo.usp.br/upload/html/421/body/03.htm>>. Acessado em: 30/06/2012.

CHIATTONE, H.B.C. A Criança e a Hospitalização. **Angerami-Camom**. Cap.2, p.23-100, 2º.ed. São Paulo: **Thonson**, 2003.

DULMEM; Alexandra Maria Van. Children's Contributions to Pediatric Outpatient Encounters. **Pediatrics**,1998 pg.563-568; v.10. Disponível em: <<http://pediatrics.aappublications.org/search?fulltext=children+in+outpatient&submit=yes&x=0&y=0>>. Acessado em: 30/06/2012

FIGUEIREDO, Mara Alice Diniz. Contribuições da ludoterapia para o processo de hospitalização infantil. **Instituto humanista de psicoterapia Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.institutohumanista.com.br/artigo_maraalice.pdf>. Acessado em: 29 de Junho de 2012.